

# “Gringas ricas”: Viagens sexuais de mulheres europeias no Nordeste do Brasil

*Adriana Piscitelli<sup>1</sup>*

*Universidade Estadual de Campinas*

RESUMO: Neste texto, analiso as experiências sexuais e afetivas de viajantes, principalmente europeias, em dois lugares transnacionais no litoral do estado do Ceará, baseando-me em uma pesquisa antropológica. Exploro os aspectos envolvidos nos relacionamentos intensamente erotizados que elas estabelecem com homens locais racializados e sexualizados, percebidos como corporificação da “masculinidade brasileira”. Analisando como as interseccionalidades permeiam esses relacionamentos, meu principal argumento é que os privilégios estruturais associados ao estatuto econômico, racial e nacional dessas mulheres são desestabilizados quando elas se tornam migrantes. No processo de abandonar o estatuto de turistas, a fluidez dos intercâmbios sexuais e econômicos desaparece, com particular crueldade no caso das mulheres mais velhas, para quem a reconfiguração dos códigos de gênero desequilibra os privilégios de que anteriormente dispunham.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, interseccionalidades, sexualidade, turismo sexual feminino.

## **Introdução**

Chegamos a Jericoacoara quase a meia-noite... Nos indicaram uma lan-  
chonete. Fernanda, minha assistente de pesquisa, com vinte e poucos  
anos, estava animada, alegre. E eu, esgotada. Fiz o pedido no balcão e  
paguei. Em uma mesa ao lado alguns homens nativos nos observavam.  
Um deles se aproximou e me pediu um cigarro. Estava descalço, vestia

apenas uma calça branca, como de capoeirista, parecia próximo dos 30 anos. Seu corpo era magro, mas muito musculoso. Tinha o cabelo longo, alourado, rastafári e a pele queimada pelo sol. O tipo físico, os olhos um pouco puxados, o rosto arredondado, de “caboclo”, pareciam destoar do penteado. Ele abriu um sorriso para mim e movendo-se com um gingado corporal perguntou se íamos à disco. Devolvi o sorriso dizendo que não nessa noite, pois acabávamos de chegar. Ele me deu um beliscão suave no braço, passando a mão nele, quase uma carícia. Fiz um esforço para manter meu sorriso inalterado, imaginando que era um “caça-gringas”, talvez um potencial entrevistado. Nem olhou para a Fernanda, que é novinha. Centrou toda sua atenção em mim, bem mais velha e cansada, mas estrangeira. Ele foi embora, mantendo o gingado ao andar. Comentei o episódio com Fernanda, dizendo que a atenção talvez se devesse ao fato de eu estar na idade “certa”, associada ao meu sotaque. Ela me chamou a atenção para o fato de que também paguei a conta, sendo evidentemente eu quem tinha dinheiro.

Diário de campo, Jericoacoara, novembro de 2008

Esse trecho de diário de campo remete às interações entre mulheres estrangeiras e homens nativos em um lugar turístico do Nordeste do Brasil. Neste artigo<sup>2</sup> analiso essas interações considerando os relacionamentos sexuais e amorosos que têm lugar em duas cidades do litoral do estado do Ceará: Canoa Quebrada e Jericoacoara. Nos dois lugares é frequente observar casais formados por mulheres estrangeiras, de diferentes idades, e jovens nativos.

Esses relacionamentos, marcados por desigualdades produzidas no entrelaçamento de diferenças de nacionalidade, classe social, gênero e “raça” frequentemente envolvem intercâmbios sexuais e econômicos. Ao combinar esses aspectos, eles remetem a um dos temas mais pesquisados em

termos das relações entre sexualidade e turismo internacional em regiões pobres do mundo e em torno do qual se criou um campo de estudos marcado pelo dissenso, o “turismo sexual”.<sup>3</sup> As divergências sobre a problemática se acentuam quando se trata de viagens de mulheres de países do Norte a regiões pobres do mundo.

As pesquisas sobre essa problemática mostram quatro posições centrais. Na primeira, considera-se que as viajantes de países “ricos” tiram partido dos privilégios conferidos pela articulação entre nacionalidade, classe social e raça para consumir sexo, permeado por fantasias racializadas do exotismo, oferecido por homens de lugares pobres (Kempadoo, 2001; O’Connell Davidson, 1999). No marco dessas interseções, as turistas de países ricos são consideradas, de maneira análoga aos homens desses países, turistas sexuais que objetificam e exploram sexualmente os homens locais porque utilizam seus privilégios para obter vantagens sexuais (Sanchez Taylor, 2006).

Na segunda posição, avalia-se que as configurações de gênero têm o efeito de nuançar esses aspectos. Os códigos “Ocidentais” de gênero fazem com que as mulheres procurem romance e relacionamentos duradouros e, como viajantes, busquem um contato mais próximo com a cultura nativa, interessadas em enriquecer a experiência de viagem através da aproximação com ela. Essas mulheres se envolvem em viagens de “turismo à procura de romance”, cuja particularidade é que os privilégios dessas mulheres lhes permitem o ensaio de novos papéis, em relacionamentos que possibilitam a assertividade e o controle femininos (Pruitt e Lafon, 1995).

Essas duas posições, embora divergentes, chamam a atenção para as ambiguidades presentes em relacionamentos nos quais as mulheres preferem apagar ou ignorar os intercâmbios econômicos neles presentes, um aspecto presente também na terceira posição, que se desloca da oposição entre “turismo sexual” e “turismo romance”. Enfatizando a diversidade de

relacionamentos entre estrangeiras de países ricos e homens de regiões pobres, essa posição observa que o foco dos relacionamentos pode estar no sexo, no romance, em uma combinação de ambos ou, ainda, na procura de companheirismo (Herold, Garcia e DeMoya, 2001). Essas abordagens não negam os imaginários racializados e as vantagens estruturais dessas viajantes, mas sublinham a fluidez presente em relacionamentos nos quais desejo e controle são permanentemente negociados, no espaço da intimidade (Frohlick, 2007).

Finalmente, a quarta posição se diferencia das anteriores, porque considera que as desigualdades de gênero são englobantes. A ideia é que as configurações de gênero situam as mulheres, apesar de seus privilégios estruturais, necessariamente em posições subordinadas (Jeffreys, 2003).

Neste texto dialogo com essas discussões tomando como referência as experiências sexuais e emocionais de mulheres heterossexuais, predominantemente europeias. Presto particular atenção às relações entre noções de viagem, liberdade, escolha e prazer sensual que, em suas percepções, tornam os lugares visitados verdadeiros “paraísos”. A escolha de homens locais como parceiros sexuais e amorosos, permeada por noções racializadas e sexualizadas de etnicidade/nacionalidade, está associada a esse conjunto de conceitualizações. Meu principal argumento é que a atração exercida por essas mulheres nesses lugares, vinculada à sua posição privilegiada, produto do entrelaçamento entre classe, “raça” e nacionalidade, se vê profundamente alterada quando elas abandonam o status de turistas e passam a residir nas comunidades como mulheres “de fora”.<sup>4</sup>

Nas primeiras partes do artigo descrevo os cenários nos quais foi realizada a pesquisa e as interações entre viajantes estrangeiras e homens nativos. Analiso depois as experiências sexuais e amorosas das entrevistadas. Finalmente, traço um contraponto entre esses relacionamentos e as discussões sobre “turismo sexual” feminino, considerando como as interse-

ções entre diferenciações operam no processo mediante o qual as viajantes estrangeiras se tornam residentes nos locais contemplados.

## **Métodos**

A pesquisa, realizada em uma abordagem antropológica, teve lugar em diferentes momentos, entre 2000 e 2008 e é parte de um estudo mais amplo sobre os impactos do turismo internacional nas escolhas sexuais e afetivas da população nativa do Estado de Ceará (Piscitelli, 2007; 2004).<sup>5</sup>

Neste artigo, centro-me nos relatos de 19 mulheres estrangeiras que mantiveram relacionamentos sexuais e afetivos com homens locais. São mulheres consideradas brancas, com idades entre os 20 e os 60 anos. Entre elas, 16 são ou foram residentes em Canoa Quebrada ou, sobretudo, em Jericoacoara, onde concentrei a observação e permaneceram nesses lugares por períodos que variam entre 2 meses e 16 anos. As restantes são turistas passando apenas dias ou semanas em uma das duas vilas. Duas entrevistadas são latino-americanas e as demais se dividem entre italianas (5); alemãs (3); suíças (3); espanholas (2); francesas (2) e holandesas (2). Algumas têm educação superior (6), mas a maioria completou o ensino médio e desempenhava na Europa ocupações no setor do comércio ou de serviços com salários médios ou baixos. Trabalhavam como professoras, maquiadoras, secretárias, em cooperativas, como vendedoras em lojas de roupas, no setor de turismo ou como instrutoras de esportes. Ao instalar-se no Brasil, a maioria se dedicou a empreendimentos turísticos, montando ou administrando pousadas, restaurantes e bares. Poucas tiveram filhos no Brasil e, entre as mais velhas, foram frequentes os relacionamentos com homens entre 5 e 20 anos mais novos. Todas as que se estabeleceram no Brasil fizeram esforços para adquirir no exterior o capital necessário para iniciar seus empreendimentos no Brasil, inclusive vendendo seus bens no exterior.

A maior parte das entrevistas foi realizada em português, e as demais em inglês e espanhol. É importante observar que, embora seja latino-americana, não sou brasileira. Minha condição de estrangeira marcou várias das interações e diálogos.

## **Cenários**

No estado do Ceará, ainda são escassas as turistas estrangeiras que viajam sós ou sem companhia masculina. A presença de estrangeiras, particularmente daquelas à procura de encontros sexuais com homens nativos, porém, é recorrente nas narrativas sobre “Jeri”, denominação que localmente recebe Jericoacoara, e também sobre Canoa Quebrada. Esses relacionamentos devem ser situados no âmbito das alterações nas relações sociais vinculadas ao veloz e intenso desenvolvimento do turismo. Nesse sentido, é importante ter em conta os efeitos do processo de comercialização das relações sociais e da transnacionalização por ele promovidos nos códigos locais de gênero e sexualidade.

Os dois lugares, Canoa, no litoral nordeste e Jeri, no litoral oeste do Ceará, compartilham alguns aspectos. Em um passado recente, foram vilas isoladas, de difícil acesso, cujas principais atividades econômicas eram a pesca, a criação de pequenos animais e, no caso de Canoa, também o artesanato, a produção de rendas. Nos relatos de nativos e residentes, em Jeri, duas décadas atrás, a economia ainda operava na base da troca. As duas vilas foram “descobertas” por turistas “alternativos” que passaram a hospedar-se nas casas dos habitantes locais.

Em um processo que rapidamente as levou a serem integradas nos circuitos turísticos organizados, passaram a ocupar a lista dos principais lugares procurados pelos turistas no estado, fora do litoral de Fortaleza (Molina, 2007). Durante esse processo, parte significativa das ativida-

des econômicas tradicionais foi abandonada e substituída pelos serviços voltados para o turismo. As pessoas locais se integraram no mercado de trabalho informal ou formal de serviços turísticos, em situações frequentemente pouco iguais em relação a pessoas “de fora”. E, nos dois lugares, houve relevantes alterações na ocupação do espaço e na produção de desigualdades nas comunidades.

Os relatos sobre o passado recente dessas vilas assinalam a existência de distinções sociais anteriores ao turismo, mas mostram a percepção de que ele contribuiu para intensificar a distância social entre a população nativa, marcando a diferença entre os que enriqueceram por meio dos empreendimentos turísticos e aqueles que se tornaram mão de obra. As narrativas também aludem, como em outras vilas de pescadores do nordeste que se tornaram lugares turísticos, à rápida comercialização das relações sociais (Robben, 1982), no sentido em que passaram a ser vendidas práticas que, no passado, eram realizadas em benefício de outras pessoas, como parte da inserção em circuitos de reciprocidade.

Nos dois lugares, os estrangeiros fizeram parte dos primeiros hóspedes “de fora”. Ao longo do processo de intensificação do turismo, os dois lugares atraíram proporcionalmente mais estrangeiros que outras partes do estado (Molina, 2007). Muitos passaram a ser residentes, tornando-se proprietários de empreendimentos turísticos. Os “nativos mesmo”, nascidos nas vilas, convivem continuamente com os estrangeiros que, residentes ou turistas, fazem parte do seu mundo do trabalho, como patrões ou clientes, e também das atividades de lazer e da sociabilidade. No processo de intensificação do turismo, as antigas vilas de pescadores se tornaram espaços transnacionais. Uma série de laços sociais e econômicos, criados a partir dos investimentos e da migração de estrangeiros envolvidos em empreendimentos turísticos e, às vezes, relações matrimoniais e de parentesco, as conectam com diversos países.

Canoa e Jeri, porém, atraem estilos de turismo distintos. A “descoberta” turística de Canoa, que remete ao final da década de 1960, foi anterior a de Jeri. De acordo com Dantas (2003), nas décadas de 1970 e 1980, o lugar se tornou internacionalmente conhecido pela liberdade em uma diversidade de práticas, incluindo o consumo de drogas, a prática do nudismo e os relacionamentos sexuais. A partir da década de 1980, houve um aumento significativo do turismo e um crescimento veloz e desorganizado do lugar. Canoa passou a ser considerada um lugar de elevada incidência de Aids e, a partir de finais da década de 1990 de “turismo sexual” internacional. Na metade da década de 2000, a população estável tinha aumentado. Nos circuitos de turismo alternativo se considerava que tinha “acabado”, perdido a “magia”. O lugar, porém, integrado nos circuitos turísticos organizados que partem de Fortaleza, passou a viver uma nova intensificação do turismo. Hoje ele recebe visitantes com diferentes capacidades de consumo. Nessa heterogeneidade, ainda persistem os estrangeiros que procuram beleza natural e algo de “primitivismo”.

Jeri, com pouco mais da metade de população estável que Canoa, foi “descoberta” um pouco mais tarde. No início da década de 1980, o turismo era basicamente “alternativo”. A energia elétrica só chegou ao lugar no final da década de 1990, quase paralelamente aos investimentos turísticos voltados para os esportes náuticos. O lugar entrou no roteiro internacional “dos ventos”, no circuito de windsurfe e *kitesurf*, esportes custosos que contribuíram para atrair um tipo de turismo estrangeiro com maior poder aquisitivo. O “clima” de Jeri hoje é cosmopolita, criado pela intensa circulação de pessoas de diferentes nacionalidades, os restaurantes com comida de diversas partes do mundo e os *cyber*-cafés. Muitas pessoas nativas falam duas ou mais línguas e várias têm viajado ao exterior através dos contatos viabilizados pelos esportes náuticos e dos relacionamentos com estrangeiros/as.

Nesse processo, o crescimento do lugar foi relativamente mais organizado do que em Canoa. Jeri é um lugar de ruas de areia, que apresenta um ar cuidado, com construções em um estilo predominantemente rústico-chique. As pousadas que estão na praia são sofisticadas e caras. O estilo das construções, os fios elétricos subterrâneos, as lojas e os restaurantes requintados e a intensa circulação de estrangeiros imprimem em boa parte do lugar o ar de um *resort* internacional e algo de artificialidade. Essas impressões foram registradas no diário de campo:

Nesta época do ano, com poucos turistas brasileiros, impressiona a quantidade de estrangeiros, homens e mulheres. Há nórdicos, louros, altos, de pernas compridas. Há estrangeiros também trabalhando nas pousadas e restaurantes... Os nativos pobres estão quase segregados, afastados, na Nova Jeri. Atravessando a rua do forró, no final de tarde, vejo uma casa de morador com luz acesa. Embora digna, a casa é pobre. Não há quase nada dentro: um sofá, uma rede. Na porta conversam senhoras com aspecto simples, batas de algodão, coques grisalhos, pele enrugada e queimada pelo sol. A mistura entre esse tipo de casas, pousadas e bares é comum nas ruelas de Canoa. Mas, em Jeri, a luz acessa dessa única casinha, uma lâmpada pendurando de um fio, no meio de pousadas e restaurantes “chiques”, parece iluminar a artificialidade de todo o resto.

Diário de Campo, novembro de 2008

Os escassos estudos sobre Jeri apontam para os problemas sociais acarretados pelo turismo: especulação imobiliária, perda de identidade da população local em função da invasão de turistas, tensões entre nativos e “adventícios” (Fontenles, 1998), difusão do uso de drogas, principalmente o *crack*, e, embora não seja considerado um lugar de “turismo sexual”

como Canoa, o aparecimento de uma prostituição ainda “não explícita” (Molina, 2007).

A percepção desses problemas faz com que alguns residentes “de fora” lembrem com nostalgia o passado recente. Eles sentem falta da vida comunitária, da natureza quase intacta, do ritmo de vida em harmonia com o ciclo cotidiano do dia e da noite. Essa visão nostálgica, porém, não é unívoca. Muitos residentes percebem as mudanças atribuídas ao turismo como positivas. Parte da população local considera a época na qual a subsistência dependia da pesca como um período difícil, de trabalho pesado e penúria econômica. Os mais jovens valorizam o turismo, considerado fonte de oportunidades econômicas, e as vinculações com o exterior por ele viabilizadas e sentem orgulho de viver em lugares que, em suas percepções, são “uma esquina do mundo”.

Nessas leituras, o turismo é visto como fonte de oportunidades econômicas com efeitos benéficos em termos do aumento no grau de escolaridade e na qualificação da população nativa e também no que se refere a transformações nos códigos de gênero e sexualidade. Os aspectos mais destacados são o relativo aumento no igualitarismo nas relações entre homens e mulheres, a menor visibilidade da violência doméstica e o aumento da idade em que as jovens engravidam, em relação às gerações anteriores. O relato de um proprietário de pousada de Jeri, no qual o sistema de emprego gerado pelo turismo opera à maneira de controle social sobre a violência contra as mulheres, dá um exemplo dessas percepções:

No passado, aqui, as mulheres apanhavam dos maridos... Quando começou o turismo internacional... a patroa sabia que o homem bate na mulher, então dispensava ele. E eles começaram a perceber que tinha uma sociedade que cobrava isso deles. Hoje você é raro ver uma mulher apanhar... As pessoas aqui sempre transaram cedo. As mães dessas

garotas tiveram elas, tipo com treze anos, quinze anos... Hoje você vê as meninas de 17 anos, elas não querem casar, ainda estão estudando.<sup>6</sup>

## **Turismo e Sexualidade**

Os estudos que tratam das recentes alterações em termos de gênero e sexualidade em comunidades litorâneas e do interior do Nordeste chamam a atenção para os processos de mudança que vêm afetando as comunidades, vinculadas à urbanização, ao crescimento econômico, a programas do governo e à melhora dos serviços públicos. A ampliação e diversificação da integração das mulheres no mercado de trabalho, mesmo quando oferece ocupações de baixa renda, teria efeitos nas dinâmicas de gênero, chegando a equilibrar ou reverter as relações em termos de poder e decisão domésticos (Rebhun, 2004; Robben, 1982).

De acordo com esses estudos, essas mudanças convivem com noções tradicionais de gênero e sexualidade, em contextos nos quais os estilos valorizados de masculinidade envolvem homo-sociabilidade masculina, consumo de álcool e disposição para relacionamentos fora do casamento (Ribeiro, 2006). E, ao contrário, uma sexualidade relativamente mais controlada e uma boa reputação sexual são marcas das feminilidades positivamente avaliadas (Rebhun, 2004). Os jovens incorporariam aspectos dessa sociabilidade e dessas noções, mas também se distanciariam delas, com comportamentos que dão lugar a tensões com as gerações mais velhas. (Ribeiro, 2006; Fontenles, 1998).

Em Jeri e Canoa, esse conjunto de transformações é inseparável do turismo. Economia, sociabilidade e sexualidade se entrelaçam em processos que conduzem a muitas pessoas locais a escolherem parceiros/as de outras nacionalidades, principalmente de países “ricos”. Esse tipo de escolhas não é recente. Nos dois lugares, os visitantes estrangeiros rapidamente

se integraram no circuito de trocas sexuais, afetivas e matrimoniais das populações nativas.

Nas paredes do café considerado como o melhor de Canoa Quebrada há quadros com fotografias antigas. Algumas parecem imagens de uma expedição antropológica. Mostram um homem branco, rodeado de nativos, de pele mais escura, todos olhando seriamente para a câmara fotográfica. O proprietário do café explica o que estamos vendo. O homem que tomei por expedicionário foi o primeiro visitante estrangeiro que apareceu em Canoa, em 1960. Era um francês que, de acordo com os relatos, inaugurou a longa sucessão de relacionamentos amorosos transnacionais.

Diário de Campo, Canoa Quebrada, abril de 2008

Nos relatos, porém, a opção dos homens locais por estrangeiras é mais recente. E, nessas escolhas, as oportunidades oferecidas pelos relacionamentos com essas mulheres não podem ser separadas dos estilos de relacionamento menos regrados e controlados que é possível ter com elas. Um jovem nativo, instrutor de *kitesurf*, de 25 anos, situa a história de seus namoros no marco das transformações associadas ao turismo:

[O turismo] foi uma mudança legal... Influenciou muito a gente ter esse contato diretamente com o pessoal de outros países... Todo mundo teve uma opção de mais trabalho, conhecer outra língua... Eu até estava namorando... Minha namorada era de Jeri. Só que ela não saía muito. Eu ia pra noite... Tive um caso com uma menina estrangeira [durante] 2 anos... Era italiana... Ela tinha 22, e na época eu tinha 18. Ela fez a aproximação... Já [tive] várias [namoradas]. No dia a dia em Jeri é assim. Você sai à noite, você encontra alguém...<sup>7</sup>

Esse “clima” de encontros que permeia o turismo jovem, também envolve pessoas de mais idade. Um músico brasileiro cinquentão que após ter morado em Canoa, reside em Jeri faz 20 anos, narrou a história de seus relacionamentos com mulheres “de fora”, em um estilo de interação “carinhoso”. Enquanto conversava comigo em uma discoteca ia aproximando-se, roçando-me, pegando em meus braços:

Tive 3 mulheres. Uma mulher, de Fortaleza. Depois, uma italiana. Tenho uma filha com ela, que mora na Itália... Minha melhor amiga é a mãe dessa menina. A terceira foi uma espanhola. Ela tem uma casa aqui... Gosto de estrangeiras... Têm a cabeça mais aberta. São menos ciumentas.

Diário de campo, Jericoacoara, 2008

Em Jeri, os efeitos do alargamento no leque de escolhas sexuais e amorosas, porém, também são olhados com ambivalência. De acordo com os relatos, a iniciação sexual ainda é realizada com parceiros/as nativos/as, mas esses namoros são rapidamente substituídos pelos relacionamentos com turistas. Um dos principais aspectos negativos associados a esses relacionamentos é sua banalização, resultado da afluência de mulheres “de fora” e de sua acessibilidade sexual. Paralelamente, os relatos sobre relacionamentos entre pessoas nativas e estrangeiras recorrentemente descrevem os benefícios obtidos neles, por meio de trocas sexuais e econômicas. Em Jeri, a ideia é que as garotas saem com homens estrangeiros, trocando sexo por passeios, bebidas, jantares e os jovens locais, que não se consideram homossexuais, fazem sexo mediado por benefícios econômicos com turistas “gays”. Nos termos de uma entrevistada espanhola: “Ellos... no son homosexuales o *gays*, pero terminan con hombres. Lo hacen mucho... algo reciben siempre”.

Há, porém, um acordo em afirmar que esses relacionamentos se afastam do “turismo sexual”, uma vez que não envolvem prostituição, prática estigmatizada entendida como pagamento direto por sexo. A realização de *programas*, considerada rara, é vinculada a encontros entre homens estrangeiros e mulheres de cidades próximas. Os homens locais que se relacionam com turistas estrangeiras em Canoa e em Jeri não são associados a ela. A prostituição envolvendo homens brasileiros, heterossexuais, e estrangeiras é relacionada com outros lugares, como Salvador, no estado da Bahia. As narrativas remetem, porém, a diversos casos de estrangeiras, “que pagam coisas, se ferraram e perderam muito dinheiro se iludindo nesses relacionamentos e tentando ajudar as pessoas”. De acordo com uma guia de turismo que morou durante alguns anos em Jeri: “Não importa a idade, elas arranjam quem fique com elas. O dinheiro é um fator importante...”<sup>8</sup>

Essas relações que, nas leituras locais, não são vistas como prostituição, têm conotações de sexo transacional (Hunter, 2002). Esse termo foi utilizado ao analisar os intercâmbios sexuais e econômicos nos quais se envolvem, no Caribe, jovens das classes trabalhadoras com homens e mulheres mais velhos/as. São trocas que não tem lugar em espaços destinados à prostituição e não apresentam uma negociação explícita de sexo por dinheiro, mas possibilitam a aquisição de roupas à moda, tratamentos para o cabelo, usufruir o status econômico de pessoas que ostentam carros caros, pagam viagens e presentes luxuosos (Kempadoo, 2004). Não apenas o sexo, mas também os casamentos podem ser transacionais, quando possibilitam ou oferecem a ilusão de viabilizar a obtenção de benefícios econômicos e/ou de migrar para algum país rico (Brennan, 2004).

Esse tipo de trocas é amplamente difundido em diversas partes do Brasil, principalmente envolvendo homens, geralmente mais velhos, e mulheres. Ele é frequentemente traduzido na expressão “ajuda”. Em lu-

gares de “turismo sexual”, muitas vezes, as jovens locais trocam a “ajuda” que recebiam de pessoas “da terra” por aquela oferecida pelos estrangeiros (Piscitelli, 2007). Jeri e Canoa não são cenários de compra explícita de sexo por parte de mulheres mais velhas, como o Haiti retratado no filme *Vers le Sud*, nem as localidades analisadas em pesquisas sobre “turismo sexual” feminino no Caribe.<sup>9</sup> No entanto, a particularidade em relação aos outros lugares turísticos no Ceará é que, no âmbito da comercialização das relações sociais e a transnacionalização vinculadas ao turismo, o sexo transacional é corrente também nos relacionamentos entre homens locais e visitantes estrangeiras.

## **Interações**

Em termos das escolhas sexuais realizadas pelas pessoas nativas, o turismo conduziu a uma diversificação e hibridização de padrões estéticos. Os critérios estéticos são julgamentos de beleza e gosto (Overing, 1996), indissociáveis de um processo de educação dos sentidos. Neles, as qualidades são incorporadas em sistemas de significado através dos quais se avaliam as propriedades das coisas (Morphy, 1996). Nesse sentido, esses critérios oferecem uma via privilegiada para apreender os valores que operam nesses cenários. Segundo as narrativas locais, os gostos masculinos tradicionais estão voltados para mulheres fortes, com coxas grossas. Mas, os homens desses lugares mostram também uma evidente fascinação por garotas, principalmente nórdicas, “lourinhas”, esguias, altas, de pernas compridas, cabelos e olhos claros, com a pele queimada pelo sol.

Nesse particular lugar do desejo (Manderson e Jolly, 1997), conformato no encontro desigual entre culturas, a estetização dessas louras não pode ser desvinculada do valor atribuído à “branquidão” das europeias. Ela é expressão da posição privilegiada, em termos estruturais, dessas

mulheres e que se materializa na possibilidade de deslocar-se através das fronteiras. Como afirma Caren Kaplan (1998), no marco do turismo, os lugares e as pessoas visitadas são mercantilizadas, mas os turistas também o são. Nesse sentido, a “branquidão” dessas mulheres é indissociável das possibilidades, reais ou imaginárias, que o poder econômico associado a elas oferece. Mesmo jovens, as europeias são percebidas como “com dinheiro”. Nos termos do instrutor de *kitesurf*, que já namorou várias estrangeiras:

[Elas têm dinheiro] Só pra chegar até aqui... No mínimo você vai gastar já uma graninha legal... uns 10 mil reais... E aqui todo mundo fica 4, 5 meses. Quem chega aqui do estrangeiro... Vai ter que pagar casa, comida, tudo isso.

O valor concedido a essa “branquidão” parece incidir na condescendência com que os nativos olham para as jovens estrangeiras que estão fora de forma. De acordo com um instrutor de capoeira que olhava, com um sorriso suave, para algumas israelenses: “Elas acabam de sair do serviço militar [e agora] ficam gordinhas, não fazem exercícios.” As estrangeiras mais velhas que estão no “mercado da paquera”, porém, não são consideradas com análoga condescendência. Em mais de uma oportunidade presenciamos cenas e ouvimos histórias, que registramos nos diários de campo, nas quais elas são hostilizadas e até humilhadas, mediante linguagens gestuais ou orais sexualizadas.

A administradora da pousada me conta algumas histórias da italiana, proprietária de uma pousada, que vou entrevistar. Logo que chegou teve um relacionamento com um nativo. Ela falava pouco português, não entendia. Ele sentava na mesa com os amigos e também com ela. E dizia

na frente de todos: “Vou comer ela assim, e desta outra maneira.” E ela não entendia o que ele dizia e ria com todos.

Diário de campo, novembro de 2008

Nas apreciações das pessoas locais, o temperamento, como qualidade mais expressiva da pessoa, marca o corpo. Os traços corporais das mulheres são associados aos atributos que marcam seus estilos de feminilidade. As européias são tidas como portadoras de traços de temperamento “le-gais”, como a inexistência de ciúmes e o “respeito” aos parceiros. Mas, as brasileiras, apesar de serem consideradas possessivas, ciumentas e controladas pelas famílias, são particularmente estimadas.

Em Jeri, contudo, o ícone sexual/sensual feminino é um corpo de mulher que não é europeu nem brasileiro, mas latino-americano. Seu estilo corporal é semelhante ao das nativas que atraem estrangeiros: pele morena, corpo miúdo, esguio e bem torneado. A principal diferença reside no cabelo liso, até a cintura, com chamativas mechas de cor vermelho. Sua extrema valorização mostra a hibridização dos gostos presente no lugar, mas também remete a reconfigurações dos códigos de gênero. Essa mulher sintetiza traços valorizados nas feminilidades locais, como cuidado maternal e distância em relação à promiscuidade sexual, mas “modernizados” em uma versão “cosmopolita” de feminilidade.

Trata-se de uma professora de dança “afro”, que reside faz 10 anos em Jeri, onde nasceu uma de suas duas crianças, filha de um “capoeirista”. Apesar de ter nascido no exterior, ela não é mais considerada “de fora”. Ela compartilhou com a comunidade as penúrias do período sem água/sem energia. Embora separada, é considerada “difícil”, em termos de acesso sexual e é ativa nas ações comunitárias. Professora na escola local, “performer” nos espaços noturnos, viaja com certa frequência ao exterior para se aperfeiçoar. Os homens locais suspiram pelo “corpão” dessa mulher,

destacando com admiração sua maternidade, como se esse fato o tornasse ainda mais atraente. E as referências à sua sensualidade estão sempre entremeadas com a valorização de seu comprometimento com as atividades comunitárias e seus deslocamentos.

Nesse âmbito de gostos diversificados, a escolha de estrangeiras de países “ricos” não pode ser desvinculada dos diversos tipos de benefícios e oportunidades que elas oferecem. Contudo, tais trocas são acessíveis para apenas alguns homens locais, sobretudo os que se dedicam aos esportes náuticos e à capoeira, que acabam tornando-se mais cosmopolitas. Essas atividades lhes concedem maior status, visibilidade e oportunidades, inclusive sexuais, que redundam em oportunidades econômicas e também na ocupação de um lugar privilegiado na hierarquização entre os homens locais.

Na praia se destacam os corpos dos surfistas. Eles usam cabelos curtos ou mais compridos, com *dreads* e chamam a atenção pela combinação entre a musculatura desenvolvida, a postura ereta e os movimentos seguros e desvoltos. Esse é um dos estilos corporais que atraem estrangeiras de diferentes faixas etárias. Uma italiana, proprietária de pousada, hoje com 60 anos, que namorou durante muitos anos um homem local quinze anos mais novo, descreve como o via no início do romance: “Ele era lindo. Fazia windsurfê. Vê-lo sair do mar era uma coisa. Essa musculatura toda! Eu arrepiava, eu fiquei louca!”. Descrevendo o praticante desse esporte pelo qual está “apaixonadíssima”, uma garota italiana de 21 anos, que reside na Sardenha, onde toma conta do empreendimento turístico dos pais, comenta:

Ele é belíssimo... Fisicamente são todos belos, muito esportivos, estão muito em forma. De rosto, não são tão bonitos... se cuidam pouco. Às vezes, [eles] têm problemas de dentes e deixam assim mesmo, talvez por causa do dinheiro.

Na apreciação das estrangeiras, outro estilo corporal marcante é o dos capoeiristas. Entre eles os estilos corporais são semelhantes: peles morenas, corpos magros e musculosos. Quando giram e rodopiam, mostram os músculos bem torneados e exercem uma fascinação na plateia, particularmente nas turistas.

A capoeira, que não existia nesse lugar, foi introduzida no início da década de 1990, no marco do processo de difusão nacional e internacional dessa arte marcial. Em 2008, a capoeira era considerada “tradição” e era uma fonte de renda para os melhores capoeiristas que cobravam até R\$20,00 por hora aula dos turistas. As aulas têm lugar em diferentes momentos do dia e chamaram minha atenção. Quando o professor gira o corpo moreno, seus músculos se destacam. Os traços de seu rosto são os de um “caboclo”. Na aula, chamam a atenção a força e a beleza dos movimentos. O professor mostra o movimento completo. Depois ele o divide em partes, como se fosse uma sequência de fotografias. Ele se exhibe, observa os alunos e os controla, com autoridade. O grupo de alunos tenta copiar seus movimentos. A aula se desenvolve em um lugar com escassas tradições africanas, mas ele parece a corporificação de uma brasilidade “afro”. A afirmação desse estilo de corporalidade concede ao professor uma gritante superioridade no grupo. Nesse espaço, ela se impõe, disciplinando a corporalidade estrangeira.

Alguns trabalhos discutem as relações entre capoeira e erotismo, vinculadas à ideia, presente no Brasil, de que as habilidades nessa arte expressam as qualidades de virilidade que tornam os jogadores bons amantes (Lewis, 2000). Entre as estrangeiras, em Jeri, esse erotismo é vinculado à negritude não necessariamente visível nos corpos dos praticantes, mas associada às raízes africanas dessa arte. Segundo uma jovem espanhola, assídua frequentadora das aulas, casada com um capoeirista local que considera, assim como a outros homens da região, “cabezón” e “moreno”, mas não negro:

Mi imagen de brasileño es más bahiana... Más moreno de piel, más grande, más sonriente. También es el que te venden mucho desde afuera... [La capoeira] me parece súper bonita... por toda la historia que lleva, sabes, de los esclavos y todo eso. Es como toda la historia ahí...

Embora esses caopeiristas não sejam afrodescendentes, eles são portadores de estilos de corporalidade que, na percepção das estrangeiras, remetem a ideias sexualizadas e racializadas sobre a “masculinidade brasileira”. A difusão dessas noções faz parte de um processo conformado por fluxos de ideias nos quais “interagem” e se misturam planos transnacionais, nacionais, regionais e locais. Nele, a imagem sexualizada que supostamente sintetiza a brasilidade foi produzida tomando como referência cidades e regiões consideradas como lugares racialmente marcados, com elevados índices de negros e mulatos (historicamente Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro). Esse não é o caso do Ceará, distante de ser marcado, como outros estados brasileiros, por uma sensualidade exacerbada e estetizada.

Os autores contemporâneos destacam que o paradigma nos escritos históricos e literários sobre o Ceará não é a mistura de três “raças”, mas de apenas duas, os colonizadores portugueses e a população aborígine, sintetizada em Iracema, o romance de José de Alencar (Pordeus, 2006). Os ícones identitários, o vaqueiro, o jangadeiro, o retirante e a rendeira, estão marcados por gênero, mas estão distantes da sexualização e o estilo de racialização que caracterizam o malandro e a mulata. Esses ícones remetem a “caboclos”, mistura de brancos e indígenas, tidos como pessoas baixas, com a pele marcada e escurecida por um sol implacável que, longe de serem estetizados, aparecem como corporificação da força das pessoas do sertão e das duras condições da terra e o clima.

No Ceará, as garotas nativas que se envolvem em trocas sexuais e econômicas com estrangeiros apagam os traços de identidade regionais, corpori-

ficando os atributos, supostamente nacionais, procurados pelos estrangeiros. Assim, “morenas caboclas” fazem performances de mulatas brasileiras (Piscitelli, 2007). Em Jeri, os homens nativos realizam traduções culturais análogas mediante performances da brasilidade “afro”, propiciada pela participação na capoeira. A singularidade da força adquirida pela relação entre virilidade, erotismo e raízes africanas reside em que, nesse lugar de encontros transnacionais, os capoeiristas são valorizados, obtêm renda, prestígio e poder, mediante a corporificação de uma versão masculina da brasilidade, sexualizada e racializada por meio de traços que não fazem parte das tradições da comunidade e da região. A virilidade exaltada por esse estilo de racialização lhes confere um particular valor de mercado.

### **Entre o “paraíso” e o “inferno”**

Nem todas as turistas estrangeiras que circulam por esses lugares prestam atenção aos homens locais. Algumas não falam português, não procuram contatos com a população local nem se sentem atraídas por brasileiros. Elas integram-se apenas em grupos de estrangeiros. Outras têm interesse no contato com as pessoas locais, em conhecer outras culturas e nas descobertas interiores propiciadas pela viagem, mas os estilos de masculinidade atribuídos aos brasileiros, considerados “machistas” e corporalmente invasivos, longe de resultar atraentes, tornam-se um desconforto a ser driblado na viagem.

Outras viajantes, porém, fascinadas pela beleza da natureza no local, pelo estilo de vida “simples” atribuído à comunidade e pela virilidade associada aos homens locais, estabelecem com eles relacionamentos duradouros. Elas se envolvem em apaixonados romances que aparecem como parte de uma tentativa de absorção do lugar, em um processo que estende às pessoas locais as qualidades associadas ao local. A combinação entre

essas atrações conduziram-nas a retornar ano após ano e/ou a fixar residência nesses locais turísticos.

Nos relatos, os aspectos dos lugares que resultam atraentes se reiteram em narrativas de mulheres que estão na faixa dos 20, 30, 50, 60 anos, entre as que passaram alguns meses ou vários anos nesses locais. Em leituras romantizadas da paisagem e da comunidade, esses aspectos remetem à beleza das dunas, das cores, à força do vento, a amplitude do espaço, ao contato com a natureza e, particularmente para as que chegaram anos atrás, ao ar “primitivo” de lugares sem água e energia e de uma vida comunitária na qual consideravam que havia um autêntico interesse e contato com o outro e tempo para compartilhar com os demais. Nos termos de uma italiana, proprietária de pousada, que reside em Jeri faz 15 anos:

[Senti] um encantamento com o lugar porque não tinha energia elétrica... Morava aqui pouca gente e era um lugar bem nativo. Pessoas estrangeiras que moravam aqui eram quatro, cinco. Eu queria morar num lugar mais primitivo... em uma comunidade pequena, poder ajudar a comunidade... e viver de uma maneira mais simples.

A simplicidade, associada ao “primitivismo” é, aliás, um aspecto recorrente nas narrativas. Ela se expressa nas qualidades atribuídas, no início dos relacionamentos, aos parceiros brasileiros: alegria, sensibilidade, gentileza, nobreza e falta de malícia. Essa simplicidade também é relacionada a um estilo de virilidade “exótico”, marcado pelo caráter sensual e a intensidade sexual. De acordo com uma garota italiana de 21 anos, apaixonada por um nativo que pratica windsurfe, com quem namora há um ano:

Aqui, por exemplo, se sentem os cheiros, que na Itália não se sentem

mais. Os homens na Itália não têm cheiro. Um abraço é outra coisa. É a simplicidade.

Segundo uma espanhola, recém casada com um homem local, professor de capoeira:

Los brasileños son mucho más sexuales... Muy físicos. Muy de tocar y el sexo es mucho más seguido, mucho más frecuente. Quizás también por el tipo de vida que pueden llevar... son mucho más optimistas... Yo sé que en España la gente se agobia de una manera exagerada por cosas enanas que dices: ‘pero bueno ¿cómo es que estoy tan estresado?’. Luego, todo ese estrés, a nivel sexual, se demuestra en la relación. [Los brasileños] Tienen una vida súper activa sexualmente. Yo digo: ‘¿Soy frígida o algo? ¿Yo no puedo tantas veces al día!’...

Essa disposição, porém, não significa que as práticas sexuais sejam necessariamente satisfatórias. O “machismo”, ao qual quase todas as entrevistadas alude, integrado no quadro dessa simplicidade, também é associado ao “egoísmo”, em termos sexuais. De acordo com uma das entrevistadas espanholas:

Hay un porcentaje que es egoísta en el sexo. Más machistas. Un juego, un ‘tic-tic-ti’ y ya está. Más servidos a su propio beneficio. Son muy aduladores de palabra, pero luego a un nivel físico, a nivel del acto sexual son más egoístas.

Nos termos de uma francesa que manteve um longo relacionamento com um homem local: “Eu fui estúpida. Não tinha nada para me apaixonar. Tinha algo físico, macho... mas também não muito carinhoso”.

Entretanto, o “machismo”, transpirando cheiro a virilidade, faz parte do atrativo que os homens locais exercem nelas.

Nessas narrativas, que parecem remeter à tradicional vinculação entre o feminino e o romance, os deslocamentos e processos migratórios são impulsionados por amor. Contudo, a erotização desses relacionamentos está indissociavelmente vinculada a versões transgressivas de *agency* feminina. Eles representam a liberdade de decidir trocar estilos de vida estáveis, em espaços percebidos como regradados, organizados, previsíveis, aborrecidos e estressantes na Europa, pelas aventuras oferecidas pelo contato íntimo com a natureza e por um estilo de vida primitivo no seio de uma cultura tida como “aberta” e “do dia a dia”. A ideia de escolha se materializa na opção por relacionamentos que interrompem normas homogâmicas e homo/étnicas, com homens socialmente situados em posições inferiores, sexualizados e racializados e, em ocasiões, consideravelmente mais jovens. Essa erotização envolve também certa percepção do risco oferecido por relações com homens percebidos como intensamente viris, mas distantes dos padrões igualitários, em termos de gênero, aos quais as entrevistadas afirmam estar acostumadas.

Nas narrativas transparecem percepções da situação privilegiada a elas atribuída nesses lugares, quando relatam a sensação de serem “caçadas”, por serem estrangeiras, “louras” e, portanto, supostamente endinheiradas. Segundo uma jovem espanhola, de 24 anos, de Barcelona, proprietária de um bar, que reside faz 6 meses em Jeri e tem um namorado local:

Porque el brasileño gusta mucho de la extranjera. Y como sea rubia y con ojos azules ya está... Por ser extranjera piensan que tienes y a lo mejor tienes menos que él.

Nos relatos, porém, elas tendem a minimizar seus privilégios. Um dos

procedimentos utilizados é traduzir as desigualdades como “diferenças culturais”. Nos termos de uma italiana, relatando o relacionamento com um homem local: “A diferença cultural era grande, grande, porque é uma pessoa daqui, né? Mal sabe ler, mal sabe escrever, né? Nasceu num lugar assim bem pobre”. Outro desses procedimentos é considerar o investimento de recursos materiais e simbólicos na promoção dos parceiros ou nos negócios do casal como “ajuda”. Essa noção envolve o pagamento das viagens dos namorados a Europa para que as visitem e conheçam suas famílias; a organização de suas tournées no exterior, procurando patrocinadores; hospedá-los, vesti-los, alimentá-los e lutar para obter para eles vistos de residência e trabalho. Quando elas se instalam em Jeri, a ideia de “ajuda” envolve a compra de propriedades, de bens como buggies ou motocicletas e a montagem de empreendimentos turísticos. De acordo com uma italiana de 60 anos elegante, sofisticada e muito articulada, proprietária de pousada, lembrando seu tumultuado e sofrido relacionamento com um artista local:

Eu ralei na Itália para poder comprar aqui. Era 92... Economizava o máximo para juntar dinheiro para investir em Jeri. Quando conheci ele, eu estava com 44 anos. Ele era 11 anos mais novo. Ajudei ele muito. Vendi os quadros dele na Itália. Por três vezes abri um barzinho para ele. Ele muito envolvido com drogas fazia dívidas. O meu, era um amor angélico, aquele de ficar dando sem esperar nada de volta.

Nas narrativas das mulheres mais jovens, as desigualdades nos posicionamentos sociais em relação aos parceiros e os intercâmbios econômicos são apagados pela ideia de um intenso amor que converte assimetrias em complementaridade. Esses relatos de namoros duradouros e de casamentos recentes aproximam à ideia de aliança, no sentido em que eles intro-

duzem cada integrante do casal na rede de parentesco e relacionamentos do outro integrante. As histórias dessas jovens apaixonadas remetem a relacionamentos nos quais a combinação entre seus privilégios estruturais, o fato de que elas ainda mantêm fortes laços sociais no exterior, se deslocam com facilidade e estabelecem laços com as redes de parentesco e de relacionamento locais possibilitam que elas enfrentem os aspectos que percebem como desagradáveis do “machismo”. Essas mulheres consideram ter tido sucesso na tentativa de estabelecer relações igualitárias com os parceiros brasileiros, no âmbito doméstico, reeducando homens acostumados pelas mães e irmãs a serem servidos e também no âmbito laboral, fazendo que eles compartilhem diferentes aspectos do trabalho realizado no lugar. Nos termos de uma espanhola de 24 anos:

Se han acostumbrado a que la mujer le haga todo. Aparte de que ella trabaje, ella lava la ropa, le cocina, le sirve el plato en la mesa, le quita el plato de la mesa ¿entiendes? Se acostumbran así en casa... Y yo... dije basta. Si no te vas con tu madre y con tu hermana, pero conmigo no. Porque a mí también me gusta que me sirvan el plato en la mesa, o sea por igual. Eso está solucionado, pero son muy machistas... Es que es la vida de aquí. Todavía están un poco en otra época.

As narrativas das entrevistadas mais velhas delineiam um quadro diferente, dramático, no qual o intercâmbio econômico envolvido nos relacionamentos que tiveram com os homens locais é evidente para elas. Essas mulheres não se integraram nas redes de parentesco e sociabilidade dos parceiros locais, ao contrário, em alguns casos foram deliberadamente distanciadas delas. Nem sequer o nascimento dos filhos que tiveram com os parceiros nativos parece ter a potencialidade de “criar” parentesco, no sentido de estabelecer relações entre consanguíneos e afins. E os relatos

dessas mulheres, que namoraram ou casaram com homens entre 10 a 15 anos mais novos, aludem a exploração econômica e a experiências de violência, física ou simbólica.

Essas narrativas remetem a um processo no qual os estilos de masculinidade dos homens locais operaram como bem erótico no qual se concentraram os desejos dessas mulheres. Os homens, porém, se deslocaram do lugar de serem “consumidos” para o da dominação. Nesse movimento, elas foram posicionadas em situações de extrema desigualdade, apesar de seus privilégios estruturais. Nesses relatos, após terem se instalado em Jeri, elas descobriram que os parceiros lucraram, enganando-as, no processo de compra de terrenos e buggies, construção de casas e pousadas. Além disso, enfrentaram sozinhas a carga de trabalho dos empreendimentos turísticos, sustentando os parceiros brasileiros, seu consumo de álcool e, às vezes, de drogas e, alguma, também os filhos que tiveram com eles.

Elas relacionam a exploração econômica da qual foram objeto ao processo mais amplo de mercantilização das relações sociais na comunidade, que afeta principalmente às mulheres estrangeiras que deixam de ser turistas. No relato de uma italiana de 54 anos, miúda, loura, de olhos verdes, corpo bem torneado e estilo juvenil, também proprietária de pousada, que teve dois filhos em Jeri:

Não sabia falar português, fiquei logo grávida num lugar como Jeri, complicado pra qualquer coisa, com estas pessoas meio machistas que tentavam de qualquer maneira me isolar do resto da comunidade. Passei bastante tempo sem ter muitos contatos com as outras pessoas. Ele sempre se punha no meio querendo assim ser o único [contato com] o exterior. Criou toda uma situação de isolamento... [Ele] chegava em casa, quebrava tudo. Uma vez me fechou dentro do quarto, pegou todas as chaves dos quartos e jogou fora. Outra vez chegou querendo me ba-

ter... Ele virou uma coisa muito violenta. Um amigo de infância da Itália chegou pra cá, ele ficou assustado com o que viu. Daí ele ligou pro meu pai e minha mãe quando voltou pra Itália e falou que praticamente eu estava aqui refém daquela pessoa... Daí meu pai e minha mãe chegaram aqui, ficaram aqui 6 meses. Até conseguir ele sair daqui...

Nesse processo, códigos de gênero assimétricos parecem englobá-las com uma crueldade associada ao fato delas serem “gringas “ricas” e sem inserção nas redes sociais locais. Algumas atribuem essa crueldade também à disparidade de idade com os namorados/maridos. Uma francesa de 49 anos, instrutora de esqui na Europa e velejadora, que namorou um homem local 10 anos mais novo, lamentando o dinheiro e a dignidade perdidos nos anos que passou em Jeri, exemplifica essa percepção:

Comprei a casa muito rápido, conheci ele, e queria lhe ajudar. Ele era gentil, mas mentia muito, havia coisas que eu não sabia... Como ele não tinha muito trabalho, comprei um buggy para ele, mas disse que não era presente. Tem que trabalhar para pagar esse buggy com o seu trabalho... Jamais tinha dinheiro para a gasolina, para consertar, eu que paguei. Ele trabalhava dois dias na semana e não tinha dinheiro, gastava tudo em droga, roubava minha casa, meu dinheiro... Perdeu o buggy, foi atrás de mim, queria que comprasse uma moto... Como se eu na França colhesse o dinheiro em árvores. Depois de 2 meses, me disse que era drogado, e que queria fazer uma cura, se eu podia ajudar. E o ajudei... Agora estou triste por tudo o que aconteceu... Porque fui estúpida, perdi dinheiro, tempo, sinto vergonha. Na França não aconteceria isso comigo, porque só vou com pessoas como eu socialmente... Aqui o lugar mudou [de modo] radical, com o turismo. Eles [os nativos] dizem: tem que pagar... Como sou uma gringa, todo mundo acha que tenho que pagar... E não

faz diferença que tenha muito tempo aqui, gringa, gringa! Eles pensam em sua cabeça estúpida... Esta é uma gringa rica. E só fazem o negócio para o momento, não para o futuro... É muito horrível... Jeri era o paraíso, agora é um inferno. Quando as pessoas só te procuram para te fazer pagar... Eu me perguntava se ele me amava, se ele queria aproveitar de mim. Como estou mais velha, eu não sei, ele podia pensar na sua cabeça que por isso não me amava.<sup>10</sup>

O peso da idade nessas interações não é fácil de avaliar. A juventude feminina é valorizada nas relações entre nativos/as, mas as narrativas locais também remetem a diversos relacionamentos nos quais as mulheres são mais velhas e, no entanto, não são objeto de hostilidade por parte da comunidade, nem de violência por parte dos parceiros. No âmbito das alterações nos códigos de gênero que têm lugar na particular imbricação entre “local” e “global” que permeia os relacionamentos entre nativos e estrangeiras, porém, as mulheres mais velhas aparecem como particular alvo de hostilidade. Nesse processo, que não pode ser pensando como mera reiteração de códigos locais de masculinidade, o valor positivo concedido à “branquidão”, como expressão de liberdade de deslocamentos e de poder econômico associados às nacionalidades dos países do Norte, é neutralizado. E a combinação entre a precariedade dos laços sociais no lugar e a erotização desses relacionamentos contribui para aprisioná-las durante anos nessa dinâmica. Nos termos dessa francesa: “Ele me enganou... me roubou... [mas] eu ainda gostava dele, estava apaixonada”.

### **Intercâmbios fluidos?**

Revisitar as discussões sobre “turismo sexual feminino” considerando as experiências das mulheres entrevistadas conduz a questionar a insistên-

cia em delinear tipologias de viagens sexuais. Essas narrativas permitem perceber que prestar séria atenção ao contexto no qual esses encontros sexuais têm lugar, aos diferentes momentos dos relacionamentos e do processo de inserção das estrangeiras nos lugares turísticos é mais fértil, em termos analíticos, que as tentativas de classificar esses encontros.

Nestes cenários, os relatos dessas mulheres embaralham as tipologias existentes. Elas combinam aspectos supostamente característicos do “turismo sexual feminino”, como fantasias sexualizadas e racializadas dos homens locais, com outros tidos como marcantes do “turismo romance”, como a forte ênfase no amor/paixão e a percepção desses relacionamentos como aspecto crucial da imersão em “outra” cultura. E, se os relatos dessas estrangeiras remetem ao ensaio de repertórios pouco tradicionais de gênero, em termos de seus estilos de viajar, da opção por namorar ou casar interrompendo normas sociais homogâmicas e homocromáticas/“homoétnicas” e também do tipo de migração, os supostos intercâmbios fluidos nos quais as mulheres fazem uso de seus privilégios estruturais para negociar desejo e controle no âmbito da intimidade, se vêem severamente limitados

Nesses lugares turísticos, nos quais se forjam novos critérios estéticos relativos à corporalidade, novas subjetividades eróticas e novos estilos de “intimidades transnacionais”, essa fluidez se desvanece quando as mulheres deixam de ser turistas para tornarem-se residentes. Nesse processo, as visões do “paraíso” dão lugar a percepções do “inferno”, com particular crueldade quando se trata das estrangeiras mais velhas, em uma dinâmica na qual reconfigurações dos estilos de masculinidade locais desestabilizam os privilégios dessas viajantes. Nesse momento, as ambivalências que conduzem as entrevistadas a conceder aos intercâmbios econômicos presentes nesses relacionamentos a conotação de “ajuda” desaparecem: eles passam a ser vistos como exploração.

Isto não significa, porém, que as desigualdades de gênero sejam sempre e necessariamente englobantes. As vantagens estruturais que possi-

bilitam que essas mulheres viajem e contribuem para torná-las atraentes nesses lugares são preponderantes em uma fase dos relacionamentos. No que se refere às estrangeiras mais velhas, nas fases seguintes, o persistente jogo de negociação é desequilibrado. Nos relatos, nesses momentos, essas vantagens são neutralizadas e essas mulheres aparecem como dominadas pelos parceiros. E, nesse ponto, há uma significativa diferença entre esses relacionamentos e aqueles que envolvem homens brancos europeus e mulheres nativas no Ceará (Piscitelli, 2004). Nesses últimos, os privilégios estruturais nunca são desestabilizados.

No embate entre os privilégios conferidos por classe social, “cor” e nacionalidade às européias e o lugar ocupado pelos parceiros, valorizados na intimidade mediante uma intensa erotização à qual se adiciona o poder que lhes confere serem homens “da terra” em lugares onde elas têm escassas redes sociais, elas saem desses relacionamentos “roubadas”, humilhadas e magoadas. A dominação que afeta essas europeias, porém, é temporária. Essas mulheres continuam posicionadas como brancas/europeias e, na maioria das vezes, são as proprietárias dos empreendimentos turísticos. Algumas desistem da ideia de permanecer residindo no lugar, mas outras continuam neles, procurando uma melhor inserção nas redes sociais. E, desde essa posição, elas estabelecem novos relacionamentos com outros homens locais.

## Notas

- 1 Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/ Unicamp e professora no doutorado em Ciências Sociais, da mesma universidade.
- 2 O texto está baseado em resultados de pesquisa do projeto temático “Gênero, Corporalidades”, coordenado pela Profa Mariza Corrêa. A pesquisa de campo realizada em Jericoacoara contou com a colaboração de Fernanda Leão Antonioli.
- 3 As divergências sobre essa problemática abrangem diversos aspectos, envolvendo princi-

palmente os limites dessa noção, inicialmente formulada para analisar o turismo massivo à procura de sexo no Sudeste da Ásia, e as percepções sobre como operam as distribuições diferenciadas de poder e as dinâmicas de gênero nos relacionamentos entre visitantes e nativos/os (Truong, 1990; Opperman, 1999; Piscitelli, 2007; Fosado, 2004; Cabezas 2009).

- 4 Este ponto não foi ignorado na produção sócioantropológica sobre a problemática, mas ainda não tem sido analisada. Ver Sanchez Taylor (2001) e Frohlick (2007).
- 5 O estudo foi desenvolvido durante 18 meses, durante várias “altas temporadas”. O “campo” envolveu um intenso trabalho etnográfico, combinando observações, conversações não estruturadas e a realização de entrevistas em profundidade com 94 pessoas, incluindo homens e mulheres estrangeiros/as e homens e mulheres nativos/as envolvidos/as em relacionamentos transnacionais e agentes vinculados pelo seu trabalho ao turismo e à prostituição no Estado do Ceará. A maioria das entrevistas foi registrada com gravador, além disso, nos diários de campo foram registradas as observações e as conversações informais e observações.
- 6 Entrevista realizada em novembro de 2008.
- 7 Entrevista realizada por Fernanda Leão Antonioli, novembro de 2008.
- 8 Entrevista realizada em Fortaleza, em 2002.
- 9 Nos estudos sobre a problemática realizados no Brasil, as dinâmicas de interação entre estrangeiras e homens nativos está começando a ser contemplada em locais de ecoturismo e também em locais de praia, considerando os “caça-gringas” e a sexualização dos corpos masculinos negros, no Nordeste. Vale observar que em Jeri e Canoa o termo “caça-gringas” não faz parte do vocabulário local. Apenas em uma ocasião foi registrada outra expressão, neutra em termos de gênero, aludindo às relações com estrangeiros: “papadólar”. Ver: Antonioli, 2008; Cantalice, 2009 e Lorraine, 2009.
- 10 Entrevista realizada por Fernanda Leão Antonioli, Jericoacoara, novembro de 2008.

## Bibliografia

ANTONIOLI, Fernanda Leão.

- 2008 *Estrangeiras no Brasil: gênero no marco do turismo internacional*. Relatório Final de projeto de iniciação científica (processo Fapesp 06/51964-6), vinculado ao projeto temático Gênero, corporalidades.

BRENNAN, Denise.

- 2004 *What's Love Got to do with it? Transnational Desires and Sex Tourism in the Dominican Republic*, Durham, Duke University Press.

CABEZAS, Amália.

- 2009 *Economies of Desire. Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia, Temple University Press.

CANTALICE, Tiago.

- 2009 *"Dando um banho de carinho!". Os caça gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística* (Pipa-RN). Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

DANTAS, Shirley Carvalho.

- 2003 *Turismo, produção e apropriação do Espaço e percepção ambiental: o caso de Canoa Quebrada*. Dissertação de mestrado apresentada no mestrado em desenvolvimento e meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará.

FONTELES, Jose Osmar.

- 1998 "Comunidade de pescadores de Jericoacoara – Ceará entre na rota turística." in: VASCONCELOS, Fabio Perdigão: *Turismo e Meio ambiente*, Fortaleza, Editora Funece, vol. 3, pp. 60-76.

FOSADO, Gisela.

- 2004 *The exchange of sex for money in contemporary Cuba: masculinity, ambiguity and love*. Phd Dissertation, Anthropology, The University of Michigan.

FROHLICK, Susan.

- 2007 *Fluid Exchanges: The Negotiation of Intimacy between Tourist Women and Local Men in a Transnational Town in Caribbean Costa Rica*. City and Society, vol. 19, Issue 1, pp. 139-168.

ADRIANA PISCITELLI

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ.

2009 *Secretaria de Turismo: Conjuntura do Turismo no Ceará: Janeiro a Dezembro de 2009*, Balanço do turismo, janeiro de 2010, in: [http://www.setur.ce.gov.br/categoria1/copy4\\_of\\_estudos-e-pesquisas/document\\_view](http://www.setur.ce.gov.br/categoria1/copy4_of_estudos-e-pesquisas/document_view), consultado em 6/3/2010.

HEROLD, Edward; GARCIA, Rafael; DEMOYA, Tony.

2001 *Female tourists and Beach Boys. Romance or Sex Tourism? Annals of Tourism Research*, vol., 28, n. 4, pp. 978-997.

HUNTER, Mark.

2002 *The Materiality of Everyday Sex: thinking beyond "prostitution"*. *African Studies* 61, 1.

JEFFREYS, Sheila.

2003 *Sex tourism: do women do it too?*. *Leisure Studies*, 22, pp. 223-238.

KAPLAN, Caren.

1998 *Questions of Travel*. Duke University Press.

KEMPADOO, Kamala.

2004 *Sexing the Caribbean, gender, race and sexual labor*, New York, Routledge.

1999 *Sun, Sex and Gold, Tourism and Sex Work in the Caribbean*, Rowam and Littlefield.

LEWIS, Lowell.

2000 *Sex and violence in Brazil: carnival, capoeira and the problem of everyday life*. *American Ethnologist* 26, 3, pp 539-557.

LORRAINE, Erica.

2009 *Tourists Seeking Culture and Erotic Adventures in the "Sexscape" of Salvador*, texto apresentado no LASA 2009 Congress: RETHINKING INEQUALITIES Jun 13, 2009 Rio de Janeiro, Brazil.

MANDERSON, Leonore; JOLLY, Margaret.

- 1997 "Sites of Desire/Economies of Pleasure in Asia and the Pacific", in MANDERSON, Leonore and JOLLY, Margaret: *Sites of Desire, Economies of Pleasure. Sexualities in Asia and the Pacific*, Chicago: The University of Chicago Press, pp. 1-27.

MOLINA, Fábio Silveira.

- 2007 *Turismo e produção do Espaço - o caso de Jericoacoara, Ceará*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, FFLCH, USP, 2007.

MULLINGS, Beverley.

- 1999 "Globalization, tourism, and the International Sex Trade", in KEMPADOO, Kamala, ed: *Sun, Sex and Gold, Tourism and Sex Work in the Caribbean*, Maryland, Rowman and Littlefield, pp. 55-81.

MORPHY, Howard.

- 1996 "For the motion", 1993 Debate: Aesthetics is a cross-cultural category, in INGOLD, Tim: *Key Debates in Anthropology*. Londres, Routledge.

O'CONNELL DAVIDSON, Julia; SANCHEZ TAYLOR, Jacqueline.

- 1999 "Fantasy Islands. Exploring the Demand for sex Tourism", in KEMPADOO, Kamala: *Sun, Sex and Gold, Tourism and Sex Work in the Caribbean*, Maryland, Rowman and Littlefield, pp. 37-55.

OPPERMANN, Martin.

- 1999 "Sex Tourism", *Annals of Tourism Research*, vol. 26, nº 2, pp. 251-252.

OVERING, Joana.

- 1996 "Against the motion", 1993 Debate: Aesthetics is a cross-cultural category, in INGOLD, Tim: *Key Debates in Anthropology*. Londres, Routledge.

ADRIANA PISCITELLI

PISCITELLI Adriana.

2007 *Shifting Boundaries: Sex and Money in the Northeast of Brazil, Sexualities*, vol. 10-4, pp. 489-500.

2004 “On Gringos and Natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism”, in *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, ano 1, n. 1, 2004, in: <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/vibrant/article/viewArticle/241>

PORDEUS JR, Ismael de Andrade

s/d *Cearensidade*, in <http://enecom.oktiva.net/sispub/anexo/1071>, consultado em 17/4/2006.

PRUITT, Deborah; LaFONT, Suzanne.

1995 “For love and money. Romance Tourism in Jamaica”, in *Annals of Tourism Research*, vol. 22, n. 2, pp. 422-440;

REBHUN, L.A.

2004 “Sexuality, Color and Stigma among Northeast Brazilian Women”, in *Medical Anthropology Quarterly*, vol. 18, Issue 2, pp. 183-199, 2004.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo.

2006 *Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças*. Cadernos PAGU (26), Unicamp, Campinas, pp. 145-168.

ROBBEN, Antonius.

1982 *Tourism and Change in a Brazilian Fishing Village*, Cultural Survival, 6-3, 1982, in [www.culturalsurvival.org](http://www.culturalsurvival.org), consultado em 10/1/2009.

SANCHEZ Taylor, Jacqueline.

2006. *Female sex tourism: a contradiction in terms?* Feminist Review, 83, pp. 42-59.

2001 *Dollars Are a Girl's Best Friend? Female Tourists' Sexual Behaviour in the Caribbean*. Sociology Vol. 35, No. 3, 2001, pp. 749-764

TRUONG, Thanh-Dam.

1990            *Sex, Money and Morality: Prostitution and Tourism in Southeast Asia*. Londres, Zed Books.

ABSTRACT: Drawing on research conducted with an anthropological approach in two transnational towns in Ceara State, in this paper I analyze the sexual and affective experiences of traveler women, mostly European. I explore the aspects involved in the intensely eroticized relationships which they establish with sexualized/racialized local men, perceived as embodying “Brazilian masculinity”. Analyzing how intersectionalities permeate these relationships, my main argument is that the privileges associated with the women’s economic, racial and national status, are disrupted when they turn into migrants. In the process of abandoning the tourist status, the fluidity of those sexual-economic exchanges disappears with particular cruelty for the older women, to whom the reconfiguration of local gender codes unbalances their previous privileges.

KEY-WORDS: gender, intersectionalities, sexuality, female sex tourism.

Recebido em julho de 2010. Aceito em agosto de 2010.